



Febrero 2020 - ISSN: 1988-7833

A TRANSFOBIA NO BRASIL: REFLEXÕES A PARTIR DE “E SE EU FOSSE PURA”, DE AMARA MOIRA

Melissa Salinas Ruiz

(doutoranda em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Unioeste/Foz do Iguaçu. E-mail: m__salinas@hotmail.com. CEP: 85851-10)

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Melissa Salinas Ruiz (2020): “A transfobia no Brasil: reflexões a partir de “E se eu fosse pura”, de Amara Moira”, Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, (febrero 2020). En línea:

<https://www.eumed.net/rev/cccss/2020/02/transfobia-brasil-reflexoes.html>

<http://hdl.handle.net/20.500.11763/cccss2002transfobia-brasil-reflexoes>

Resumo: A violência física e simbólica contra pessoas transexuais, denominada transfobia, se faz muito presente no Brasil, considerado o país que mais mata pessoas trans. Ao integrar a sociedade, a literatura permite realizar um debate humanizado a respeito de problemáticas sociais contemporâneas. Portanto, a presente proposta irá refletir sobre a transfobia no Brasil a partir da leitura de “E se eu fosse pura”, de Amara Moira. O objetivo desta análise é identificar condutas transfóbicas dentro da narrativa e relacioná-las com a transfobia dentro da sociedade brasileira. Dessa forma, primeiro se apresentará a autora e sua trajetória. Logo, se discutirá sobre autoficção e se exporá o enredo da obra. Finalmente, se relacionará a transfobia dos personagens à violência transfóbica que ocorre no Brasil. Conclui-se que a literatura permite discutir de forma humanizada a respeito de fenômenos complexos, como é a transfobia.

Palavras-chave: Transexualidade, Literatura, Autoficção, Transfobia, Violência.

LA TRANSFOBIA EN BRAZIL: REFLEXIONES PARTIENDO DE “E SE EU FOSSE PURA”, DE AMARA MOIRA

Resumen: La violencia física y simbólica contra personas transexuales, llamada transfobia, es recurrente en Brazil, que es considerado el país que más mata personas trans. Al integrar la sociedad, la literatura permite realizar una discusión humana a respecto de los problemas sociales contemporâneos. Por lo tanto, la presente propuesta va a reflexionar sobre la transfobia en Brazil, partiendo de la lectura de “E se eu fosse pura”, de Amara Moira. El objetivo de este análisis es identificar conductas transfobias en la narrativa y relacionarlas con la transfobia de la sociedad brasileña. De esa manera, primero se presentará a la autora y su trayectoria. Luego, se discutirá sobre autoficción y se expondrá el enredo de la obra. Finalmente, se relacionará la transfobia de los personajes a la violencia transfóbica que ocurre

en Brazil. Concluye que la literatura permite discutir de manera humana sobre fenómenos complejos, como es la transfobia.

Palabras-clave: Transexualidad, Literatura, Autoficción, Transfobia, Violência.

INTRODUÇÃO

De acordo à ONG Transgender Europe, o Brasil é o país que mais mata transexuais do mundo, ao mesmo tempo em que é o lugar onde mais se consome pornografia envolvendo indivíduos trans (ANTRA, 2018). O aspecto paradoxal dessas informações desvela a complexidade de existir como pessoa transexual no Brasil, sobretudo levando-se em consideração a força que discursos contrários às minorias sociais adquiriram no cenário político e social atual.

O temor à “ideologia de gênero” – termo amplamente disseminado numa tentativa de desmerecer as lutas e demandas da população LGBTQI – acaba dificultando o debate de uma população que, no caso da transexual, sequer conta com o apoio governamental para obter dados referentes à violência contra indivíduos trans.

No Brasil, se estima que 1,9 % da população não seja cisgênera, correspondendo 1,1 % a transmúheres e 0,9% a transhomens. Destes, segundo dados do Projeto Além do Arco-íris/AfroReggae (ANTRA, 2019), 56 % não possuem o ensino fundamental e 72 % o ensino médio. Quanto ao nível superior, o número é ainda mais alarmante: apenas 0,02 % das pessas trans frequentam a universidade.

Integrando essa reduzida cifra, Amara Moira é mulher transexual e doutora em crítica literária pela UNICAMP. Autora do livro *E se eu fosse pura*, apresenta um relato autoficcional sensível sobre suas vivências como mulher trans, discutindo temas como prostituição, sexualidade e afetividade.

Levando em consideração o potencial crítico do texto literário (Pérrone-Moisés, 2006) e o lugar de fala da autora (Ribeiro, 2018), a leitura e análise de *E se eu fosse pura* é capaz de aproximar o leitor ao tão necessário debate sobre transfobia, expondo a complexidade da experiência transexual no Brasil e explicitando a necessidade de construir um imaginário que dissocie a transexualidade do abjeto, do marginal.

1. AMARA MOIRA: QUEM TEM MEDO DE TRAVESTI?

Falar sobre Amara Moira leva à discussão sobre travestilidade e estereótipos. Afirma-se nesse sentido pois a autora se distancia dos estereótipos que existem a respeito do que seria “ser travesti”. Doutora em crítica literária pela UNICAMP, uma das universidades públicas mais renomadas do Brasil, com a tese de título “A Indeterminação de sentidos no Ulysses de James Joyce”, integra os 0,02 % de indivíduos trans que frequentam o ensino superior. Ao mesmo tempo, também integra a estatística que aponta serem mais de 90% o número de pessoas trans que se prostituem (ANTRA, 2019).

Sobre o período do doutorado, no qual descobriu-se mulher trans e iniciou a transição, menciona Amara que seu interesse acadêmico foi direcionando-se à militância transfeminista devido à necessidade que surgiu ao vivenciar, por primeira vez, a violência. De homem branco, hétero, classe média e cisgênero – identidade que, hierarquicamente, está no topo (Oliveira, 2013) – passou a ser alvo da violência que a sociedade brasileira direciona às mulheres transexuais.

Autodenominada “puta” e “travesti” – visto que o termo “transexual”, considera, atribui uma higienização que ela não deseja – Amara Moira, além de doutora, prostituta, feminista e professora, é escritora. Seu livro, *E se eu fosse pura*, publicado em 2016 com prefácio de Indianare Alves Siqueira e tirinhas da cartunista Laerte, nasceu tão polêmico quanto sua autora. Inicialmente *E se eu fosse puta*, a repercussão do título foi tamanha – afirma Amara (2018b) que muitas pessoas evitavam ler seu livro em ambientes públicos, algumas chegando a fixar capas de outros livros sobre o dela – que levou à alteração para *E se eu fosse pura*. Uma modificação que, na verdade, não esconde nada, servindo apenas para demonstrar o preconceito da sociedade brasileira. Na arte da capa atual, o “r” de “pura” é grafado sobre o original “t”, de “puta”, de maneira a permitir a leitura da palavra de ambas maneiras.

A literatura, afirma Proença Filho (2007, p. 40), “pode configurar-se como conservadora ou transformadora”. Ao ressaltar como o cânone literário brasileiro reproduz “discurso elitista, racista e machista, muitas vezes dando a entender que isso seria ‘crítica social’”, Moira (2018, p.166) vai ao encontro de Proença Filho, visto que não considera serem todas as obras literárias portadoras de mensagens de transformação social.

Em *E se eu fosse pura*, no entanto, o discurso da literatura como transformação abandona o plano do idílico e se efetiva, através de um texto que é tão inovador quanto transgressor. Expressa a autora que “é pela palavra também que grupos mantidos à margem vêm encontrado maneira de contestar e desafiar as narrativas que os violentam e é pela palavra que vamos conquistando visibilidade e espaços de atuação.” A produção literária travesti, dessa maneira, reivindica a construção do imaginário transexual, bem como situa a pessoa trans no espaço da produção artística e cultural, campo que, ainda hoje, é dominado por homens cisgênero.

Tendo em vista o exposto, o seguinte tópico irá discorrer sobre a literatura autoficcional e apresentará o enredo e personagens de *E se eu fosse pura*.

2. E SE EU FOSSE PURA E AUTOFICÇÃO

Palavra criada pelo teórico e escritor francês Serge Doubrovsky para tentar descrever seu romance *Fils* – obra que, por sua vez, foi fruto da provocação de Philippe Lejeune referente à possibilidade de haver um romance com o próprio nome do autor – a *autofiction*, traduzida como “autoficção”, vem sendo cada vez mais incorporada pela produção literária brasileira contemporânea (Figueiredo, 2010). Entretanto, a popularidade da autoficção não se dá sem controvérsia, visto que nem na França – seu país de origem – há consenso teórico a respeito de sua definição.

Dentre os teóricos que negam a autoficção como gênero, se destaca Gerard Genette, o qual afirma que há nada de inovador nela, pois seria “um dos mais básicos procedimentos ficcionais o fato de o autor fingir sua entrada na ficção” (Azevedo, 2008, p. 36). No entanto, teóricos como Colonna, Lejeune e o próprio Doubrovsky ressaltam o potencial criativo do texto autoficcional, o qual seria distinto da escrita autobiográfica.

Não se trata de saber qual, entre a autobiografia e o romance, seria o mais verdadeiro. Nem um nem outro; à autobiografia faltariam a complexidade, a ambiguidade etc.; ao romance, a exatidão; seria então: um mais outro? Mais do que isso: um em relação ao outro. O que se torna revelador é o espaço em que se inscrevem as duas categorias de textos, sem se reduzir a nenhuma delas. O efeito de destaque obtido por este procedimento gera a criação, para o leitor, de um espaço autobiográfico. (Lejeune *apud* Hidalgo, 2013, p.222)

No cenário nacional, obras como *A chave da casa* (2007), de Tatiana Salem Levy e *Histórias mal contadas* (2005), de Silviano Santiago, se declaram autoficcionais, o qual é reforçado pela postura de seus autores que “assumem suas histórias pessoais – seja no *press-release* da editora ou no texto da orelha do livro” (Hidalgo, 2013, p. 221). No mesmo sentido, Amara Moira estabelece relação entre o teor de seu livro e suas próprias vivências como travesti e prostituta, ao afirmar:

É ambíguo pra mim o que esse livro significa. Quero ser escritora, sempre quis ser escritora, então gosto de entendê-lo como literatura, como laboratório de linguagem, eu brincando com as palavras como se usasse luvas, pinças e tubo de ensaio, à procura da melhor reação química que elas possam provocar. Por outro lado, se bato o pé que esse livro é literatura, pode parecer que o seu conteúdo é ficção, obra da minha mente criativa, coisa que me desagrada muito, pois preciso que as pessoas entendam que isso que retratei ali, por mais pavoroso que pareça, é vida cotidiana pra travestis, é a vida a que a maioria de nós tem direito, principalmente as que são prostitutas. Então é sempre nessa tensão que tento compreendê-lo, valorizando meu trabalho com a linguagem, meu trabalho de escritora, mas sem abrir mão jamais de afirmar que ele é reflexo das minhas experiências como prostituta, da vida que encontrei pela frente ao me afirmar travesti (MOIRA, Amara, 2017, p. 6)

A partir do exposto pela autora, é possível perceber a riqueza do texto autoficcional, posto que é capaz de mesclar o onírico ao real, numa fusão que se compromete, simultaneamente, com a literariedade e com a realidade. Um real, porém, não literal, mas não por isso desprovido desvinculado do universo fático. A própria relação dos textos presentes no livro com os escritos do blog de Amara reforça a conexão da obra literária às experiências de sua autora.

A escrita, que se iniciou no blog e na página do Facebook – excluída pela plataforma, claro indício do impacto das narrativas – permitiu o exercício da produção criativa, apesar de Moira (2018a) se afirmar “péssima de imaginação”. A repercussão dos relatos de suas experiências junto aos clientes, com postagens que chegavam a alcançar mais de 3000 visualizações, apresentou o livro como possibilidade, sobretudo pois coadunava com o crescente envolvimento da autora com o feminismo

trans. O interesse do público leitor – um dos três elementos essenciais do sistema literário, de acordo a Candido (1993) – demonstrou como era possível, por meio do texto literário, fazer com que a experiência travesti fosse conhecida pelas mais diversas realidades. Expõe Moira:

(...) não posso negar o quanto eu gosto de pensar frases cadenciadas, melódicas que vão embalando o leitor, desarmando-o, levando-o aonde ele nem imagina. É minha maneira de brincar de sereia, a forma que encontrei de fazer com que as pessoas parassem pra ouvir sobre as vidas trans, tentassem se sentir no nosso lugar (MOIRA, 2017, p. 7)

Os aspectos abordados em *E se eu fosse pura* são, por opção da autora, os mais difíceis que experimentou como prostituta. Além de forçar os homens à autocrítica, a obra busca transformar integralmente a visão que a sociedade faz da transexual e travesti. Segundo Moira (2018a), o modo como vai se alterando a percepção da sociedade em relação ao indivíduo trans se deve, em grande parte, às narrativas produzidas por esses sujeitos. Seu livro, dessa maneira, se integra a esse corpus narrativo, expondo, simultaneamente, as vivências da autora e de muitas travestis brasileiras.

Dessa forma, em *E se eu fosse pura* o leitor se depara com uma narrativa em primeira pessoa, não-linear, dividida em tópicos, porém que não pode ser referida como uma mera junção de textos. Os escritos se relacionam e seguem, embora não à risca, uma cronologia, na qual o leitor acompanha a personagem narradora Amara em sua trajetória como prostituta e as digressões decorrentes de seu exercício. Em “Ah, se não houvesse riscos!”, por exemplo, encontra-se uma reflexão sobre a prostituição enquanto profissão, verdadeira crítica ao pensamento moralista que considera impossível para a mulher – seja cisgênero ou trans – exercer o ofício de prostituta de maneira digna.

Embora predomine a prosa em primeira pessoa, também há espaço para a produção poética, como observa-se no tópico “Além de fazer putaria, a travesti ainda inventa de escrever poema”. As composições líricas, assim como os demais textos presentes na obra, apresentam por tema o universo da prostituição travesti, dessa maneira transmitindo ao leitor a sensação de estar próximo da narradora, conectado aos sentimentos e situações expostas.

Por conseguinte, o seguinte tópico irá abordar com mais profundidade os textos que compõem *E se eu fosse pura*, focando-se a análise na identificação de transfobia. Dessa maneira, se identificará a transfobia presente em *E se eu fosse pura*, relacionando-a a dados referentes à transfobia existente no contexto social brasileiro.

3. TRANSFOBIA FICCIONAL E REAL

A obra *E se eu fosse pura* é composta por textos que, em conjunto, partem da experiência da personagem narradora para apresentar um rico panorama sobre a prostituição travesti no Brasil. Destaca-se seu potencial crítico pois considera-se que “a simples denúncia, pela linguagem, do que vai mal no mundo, não tem a eficácia conseguida pelo trabalho da forma na literatura. Os artifícios do

escritor revelam, ao mesmo tempo, o que falta no mundo e aquilo que nele deveria estar” (PERRONÉ-MOISÉS, 1984, p. 107).

Referido valor crítico do texto literário vai ao encontro da intenção da autora, quando afirma desejar que seu texto conduza à autocrítica (Moira, 2018a). Dessa forma, embora a obra literária seja mais do que a intencionalidade de seu autor, não pode se negar que o sentido intencional integra o sentido manifesto, o que torna relevante conhecê-lo (JOUVE, 2012).

No decorrer dos textos de *E se eu fosse pura* o uso do pajubá – expressões linguísticas de origem africana e incorporadas pela comunidade travesti e transexual – é recorrente, o qual contribui para a imersão do leitor no universo da narradora. A ressignificação de palavras e expressões, além dos neologismos e palavrões, livram o texto de qualquer tentativa de higienização. Desse modo, palavras como “edi”, “neca” e “cheque” – correspondentes, respectivamente, a ânus, pênis e vestígios de fezes, na explicação de Silva e Santos (2017) – são frequentes, estando presentes, inclusive, nos textos poéticos. De modo exemplificativo, se expõe o parecer de Araújo a respeito de um dos poemas presentes na obra, de título “Ode ao quêti”:

Se num primeiro momento o poema parece escancarar uma face obscena dessa linguagem, e também a existência desses corpos indóceis que habitam as margens, no relato de uma prostituta, é porque de fato a transgressão é um dos grandes traços do bajubá. Ao utilizar palavras com finalidade primeira de proteção, as travestis passam a construir uma voz própria, de afirmação, reconhecimento e resistência (ARAÚJO, 2018, p. 123)

A resistência mencionada por Araújo permeia as passagens de *E se eu fosse pura* das mais diversas maneiras. Há denúncia à hipocrisia dos clientes, que “gozam e aí só querem sair o quanto antes” (Moira, 2018b, p. 142), incapazes de lidar abertamente com o desejo sexual que sentem pela travesti. Referidos em inúmeros momentos da narração como “lixos”, os clientes – fictícios, ficcionalizados ou reais, benefícios da autoficção – personificam o paradoxo que a transexualidade enfrenta no Brasil. Um misto de atração e repulsa, que faz com que se aproximem e logo fujam, que desejem ser possuídos, mas sem ter que pedi-lo.

Essa incapacidade de perceber a travesti além de sua sexualidade – não qualquer uma, diga-se de passagem, mas sexualidade marginal, o mais distante possível do âmbito do afeto – é um dos fatores que, segundo a narradora, a levaram à prostituição. Ao afirmar “carência brutal” e que “o pai de família respeitável que atendo na zona acha um barato papar a mim por dindim poquim”, Moira (2018b, p. 107) situa o universo da prostituição como o único possível para a travesti brasileira vivenciar sua sexualidade. Transfobia que, no caso, priva a transexual de afeto e de uma vida sexual dentro de uma relação, como desvela Moira (2018b, p. 33) ao dizer que “ali era permitido desejar meu corpo, ali, somente ali, onde esses que me desejavam eram não mais que sombras”.

Outro aspecto de violência transfóbica recorrente no Brasil e que é citado pela obra refere-se à linguagem transfóbica. Menciona a ANTRA (2018) que, ao referir-se a uma pessoa transexual, deve ser

utilizado o pronome correspondente ao gênero com o qual se identifica, constituindo violência a inobservância do pronome adequado. Em “Você é gostoso demais”, expõe a narradora:

Pensei ter escutado errado, coisa da minha cabeça, mas a frase se repetiu bem assim, “gostosO”, “como você é gostosO”, o “Ozão” bem marcado várias vezes. Era logicamente elogio, só podia, mas doía igual xingamento (MOIRA, 2018b, p. 151)

A Associação Nacional de Travestis e Transexuais, em sigla ANTRA, é descrita como “uma rede que articula em todo o Brasil mais de 200 instituições, a fim de desenvolverem ações para a promoção de direitos e o resgate da cidadania da população de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2018, p.2). Dessa maneira, a ANTRA identifica as principais demandas da população transexual, entre as quais se encontra o respeito à identidade de gênero.

Deve ressaltar-se, entretanto, que ao estudar a percepção de professores de escola sobre identidades trans, Moraes (2016) identificou que o desrespeito à identidade de gênero origina-se, também, na falta de conhecimento. Exemplifica o autor comentando que, mesmo quando observava o desejo de professores e funcionários de acolher a pessoa trans na comunidade escolar, dava-se o uso do pronome incorreto para referi-la. Ainda, Moraes cita a confusão entre gênero e sexualidade, que levava os sujeitos trans a serem designados como homossexuais.

Tal desconhecimento, no entanto, não pode ser pretexto para persistir no uso de linguagem transfóbica, sobretudo quando se leva em consideração o fragmento extraído de *E se eu fosse pura*. A intensidade do desconforto da personagem narradora, a despeito da compreensão de que “era um elogio”, ressalta quão problemático é para o indivíduo trans ter sua identidade de gênero desrespeitada. Chega a afirmar Almeida (2018) que o temor à linguagem transfóbica faz com que transhomens e transmulheres evitem certos ambientes, dos quais os consultórios médicos são exemplo.

Menos sutil do que a linguagem transfóbica, a violência física decorrente de transfobia também se faz presente no texto de Amara. Em “Mordida de ódio” a narradora relata:

(...) esticou o braço, pegou minha cabeça e puxou na direção dele, como se quisesse um beijo... e eu deixei, mesmo sentindo o bafinho dele gritar de longe. Pois é, parecia querer um beijo, mas o que foi que ele fez? Me deu uma mordida na bochecha, doída, deixando até marca! ‘Gosta de mordida? Quero te morder toda?’ Mordida assim não, disse eu amuada, tem que ser de leve... Eu queria era xingar o infeliz, meter um soco em sua fuça, mas fingi que aquilo não tinha me ofendido profundamente. E novamente ele pegou minha cabeça e puxou, eu resistindo da maneira que dava, e lá vai ele tascar mais uma mordida escrota na minha bochecha, em outro ponto (...) Sabem o que é pior? Quando contei pra uma amigã que houve, ela me disse que é normal, que uma vez um deles mordeu a bunda dela tão forte e o silicone que ela tem lá deu tanto que ela não conseguiu mais voltar a trabalhar nesse dia (MOIRA, 2018b, p.98-99).

Do exposto pela narradora, se observa a objetificação do corpo travesti, o qual se torna apenas um meio do cliente atingir seu prazer. Ao discorrer sobre o estigma sexual, Rubin (2003, p.16) aponta

que “as castas sexuais mais desprezadas correntemente incluem transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores do sexo como as prostitutas e modelos pornográficos”. Nota-se, dessa maneira, que a conduta do cliente em relação à narradora se reveste do desprezo mencionado por Rubin, pois se assume que a travesti deve aceitar qualquer prática sexual, mesmo que violenta.

Em “Na hora de pôr, eu ponho” a narradora expõe o medo e indignação ao deparar-se com um cliente que quer força-la ao sexo sem proteção:

O absurdo é que não foi só tentar me forçar no muque a chupá-lo sem guanto (o que ele conseguiu em parte, sempre reafirmando que não tinha doença alguma (...)) o que já era violência sem tamanho, mas também em seguida, quando saímos do carro para ele vir me comer, ver ele imobilizar meus braços com um abraço por trás e, já sem guanto (...) tentar no muque me convencer agora a dar para ele no pelo! (MOIRA, 2018b, p.103-104)

Novamente, o medo e revolta da narradora são silenciados, posto que esta dá continuidade ao programa a fim de se livrar rapidamente do cliente. Ao concluir o relato “Na hora de pôr, eu ponho” dizendo que “o não é não das feministas precisa urgentemente ganhar a zona” (Maira, 2018b, p. 105) a narradora evidencia a vulnerabilidade que a prostituição, nos moldes em que ocorre no Brasil, sujeita às trabalhadoras sexuais.

A prostituição de sujeitos trans, sobretudo, é realizada em condições precárias, o qual aumenta os riscos à violência. Em “Às vezes, só nos resta confiar”, a personagem narradora comenta sobre seu primeiro contato com uma prostituta, anterior à transição. O valor que a mulher cisgênero – pessoa que, segundo Lanz (2015), se identifica com o gênero que a sociedade atribui ao genital com o qual nasceu – cobrou e que, para a narradora, parecia irrisório, é mais do que esta cobra pelo programa, mesmo tendo se passado quinze anos. A personagem complementa com a afirmação de que “a prostituição que existe pra nós é não a dos flats nos bairros nobres, mas essa atrás do matinho, no escuro” (MOIRA, 2018b, p. 145).

Os dados que a ANTRA apresenta sobre a prostituição trans e travesti corroboram a percepção da personagem narradora. Ressaltando-se a ausência de dados oficiais referentes à população transexual, reflexo do descaso governamental, é pelo trabalho da ANTRA e suas filiadas que é possível ter uma dimensão numérica da violência direcionada à população transexual brasileira. Do trabalho de mapeamento realizado pela ANTRA, portanto, foi possível determinar que 65% das pessoas trans assassinadas no Brasil eram prostitutas

A produção científica sobre prostituição transexual complementa os dados da ANTRA, expondo uma realidade social que força as profissionais do sexo a desenvolver estratégias que lhes permitam escapar aos diversos riscos da prostituição de rua. Nas palavras de Pelúcio:

Sem pretender construir um discurso vitimizador, é preciso ressaltar as inúmeras situações violentas (sejam simbólicas ou físicas) em que se vêem envolvidas,

pois estas incidem diretamente sobre as questões preventivas e de cuidados de si (PELÚCIO, 2007, p. 33).

Abuso por parte da polícia, brigas com clientes e outras prostitutas, além do uso de drogas, são alguns aspectos de risco mencionados por Pelúcio (2007). O uso de substâncias ilícitas é mencionado em distintos momentos do texto de Moira, sempre acompanhado do temor da narradora. Embora, segundo Cabral (2012), as drogas estejam muito presentes no cotidiano de prostitutas trans, a personagem narradora se recusa a familiarizar-se com estas, o qual está de acordo à postura crítica que assume durante toda a narrativa, na qual questiona o repúdio social direcionado à prostituta.

Para a personagem Amara, nada há de condenável no exercício da prostituição. Ao invés de resignar-se à marginalidade que, no Brasil, cerca seu ofício, pleiteia melhores condições para exercê-lo. Afinal, sobretudo nos relatos que correspondem a suas primeiras experiências como profissional do sexo, o ato sexual pago também é fonte de prazer para ela, a qual afirma que “não é preciso esforço algum da minha parte, só me jogar e o prazer vem surgindo” (Moira, 2018b, p. 79).

A organização dos textos que fazem parte de *E se eu fosse pura* constrói uma certa linearidade, na qual se observa uma espécie de “desencantamento” da narradora com a prostituição. O prazer inicial, rememorado pela própria narradora quando fala do “começo, ah, o começo...” (Moira, 2018b, p.36), acaba dando lugar à raiva e ao temor da violência, fruto não do medo de vivenciar sua sexualidade, mas das experiências vividas junto a alguns clientes.

Expressa Hidalgo (2013, p. 221) que “um ponto em comum une os mais variados exercícios autoficcionais: a possibilidade de apagar, ao menos embaralhar, os limites entre uma verdade de si e a ficção”. O texto que encerra *E se eu fosse pura*, intitulado “Se soubessem antes”, constitui exemplo desse embaralhamento, pois Amara personagem/narradora/autora elabora uma espécie de conclusão para a narrativa. Nela, os “lixos” voltam a ser “clientes” posto que, conforme afirmou em entrevista, a literatura Amara Moira expõe algumas das piores experiências como prostituta a fim de utilizar do poder de catarse do texto literário. Dessa maneira, a autora não busca demonizar quem recorre à prostituição, mas ressaltar o quão distante a sociedade brasileira está de respeitar a travesti, a prostituta e a *travesti prostituta*.

A afirmação de que “os homens de carne e osso não estão nos livros (fora este aqui, claro)” (Moira, 2018b, p. 183-184), joga com o ficcional e autoreferencial pois se percebe a ciência do livro enquanto integrante do sistema literário que terá sua mensagem lida e absorvida pelo público leitor. A reflexão sobre a íntima relação de *E se eu fosse pura* com a realidade, presente em distintos momentos da obra, explicita-se em suas últimas linhas. O leitor, dessa forma, conclui a leitura consciente de que o relato é tão ficcional quanto real.

A literatura pode ser transformadora. Conhecer o cotidiano, desejos e temores da personagem/narradora/autora Amara conduz – ou melhor, *força* – à reflexão sobre o que é ser transexual e prostituta no Brasil. A leitura de *E se eu fosse pura*, sendo assim, direciona o olhar para a vivência trans, explicita os embates e preconceitos e, mesmo que não sensibilize o leitor, o obriga a sair

da ignorância. A presente análise, portanto, busca fazer eco à intencionalidade de Amara Moira, auxiliando na construção de uma discussão teórica que permita perceber a complexidade da transfobia, para assim combatê-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A plurissignificância do texto literário permite que nele sejam identificados aspectos da realidade social, mediados pela ficcionalidade. Tratando-se de autoficção, a relação entre real e ficção é ainda mais estreita, o qual contribui à intenção crítica de Amara Moira ao escrever *E se eu fosse pura*.

Inspirando-se em suas vivências, Moira explora o que há de mais marcante, reflexivo e poético, tornando sua obra digna de uma análise que, além dos aspectos literários e estéticos, reflita sobre as questões sociais nela retratadas. Mulher travesti brasileira, Amara Moira, inevitavelmente, escreve sobre transfobia, visto que essa ainda é a realidade da maioria da população transexual brasileira.

Dessa maneira, se fazem presentes no texto inúmeros aspectos que retratam transfobia. A prostituição como único espaço de afetividade, a insegurança do “trabalho na noite”, o constante tratamento do corpo travesti como abjeto, são apenas alguns deles. O desencantamento da personagem narradora, que logo passa a se referir aos clientes como “lixos”, torna evidente a indignação diante de uma sociedade que deseja a travesti, mas apenas na calada da noite, para “dar uma variada da esposa, mas eu gosto de mulher, tá?”.

Os aspectos discutidos na presente proposta visam destacar o potencial crítico de *E se eu fosse pura*, bem como salientar a relevância da obra literária para o contexto social brasileiro, onde a transfobia ainda é latente. Nesse sentido, o livro de Amara Moira reveste-se de valor estético e crítico, pois aborda de maneira sensível a transfobia, expondo suas múltiplas formas e contribuindo para a maior visibilidade de transexuais dentro do cenário literário e social.

REFERÊNCIAS

ANTRA. **Mapa dos assassinatos de travestis e transexuais no Brasil em 2017**. PDF, 2018. Disponível em <<https://antrabrasil.org/mapadosassassinatos/>> Acessado em 20 de out. de 2019.

_____. **Dossiê Assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018**. PDF, 2019. Disponível em <<https://antrabrasil.org/mapadosassassinatos/>> Acessado em 20 de out. de 2019.

ARAÚJO, Gabriela Costa. **(Re)encontrando o Diálogo de bonecas: o bajubá em uma perspectiva antropológica**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Uberlândia, 2018.

AZEVEDO, Luciene Almeida de. Autoficção e literatura contemporânea. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 12, 2008. Amara Moira, a travesti com o poder da palavra que virou doutora.

Disponível em <https://www.huffpostbrasil.com/2018/03/12/amara-moira-a-travesti-com-o-poder-da-palavra-que-virou-doutora_a_23383141/> Acessado em 21 de out. de 2019.

CABRAL, Julieta Vartabedian. **Geografia travesti: Cuerpos, sexualidad y migraciones de travestis brasileñas** (Rio de Janeiro – Barcelona). 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social e Cultural) – Barcelona, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

FIGUEIREDO, Eurídice. Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho. In: **Revista Criação & Crítica**. n.4, 2010.

HIDALGO, Luciana. Autoficção brasileira: influências francesas, indefinições teóricas. In: **ALEA**. Rio de Janeiro, v. 15, 2013.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Curitiba, 2014.

MOIRA, Amara. Sobre as criações que envolvem uma narrativa travesti. Igor Gomes. **Pernambuco**, Recife, n. 132, p. 6-7, fev., 2017.

_____. Desvelando as fissuras da militância. Pollyanna Araújo Carvalho e Fabiane Fernandes Guimarães. **GrauZero – Revista de Crítica Cultural**, v. 6, n. 1, p. 163-169, 2018a.

_____. **E se eu fosse pura**. São Paulo: Hoo Editora, 2018b.

MORAES, Cristiano da Silva Brasil. **TRANSEXUAL, TRANSVERSAL, TRANSGRESSÃO: O que dizem docentes e pessoas trans* na escola**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Rio de Janeiro, 2016.

OLIVEIRA, André Lucas Guerreiro. **Os homens transexuais brasileiros e o discurso pela (des)patologização da transexualidade**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10, Florianópolis, 2013. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384804329_ARQUIVO_AndreLucasGuerreiroOliveira.pdf> Acessado em 22 de out. 2019.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A criação do texto literário. In: **Flores na escrivantina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política e da sexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 21, 2003.

SILVA, Deni Iuri Soares Candido da e SANTOS, Odair José Silva dos. Semântica, Gênero e sexualidade: o conceito dos *pajubás* da comunidade LGBT. **Revista acadêmica Magistro**. v.2, n. 16, 2017.